



etrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãocefetminasgerais
editoraseditorasdobrasiledomundoentrevistaseditoria
letrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãocefetminasger
iseditoreseditorasdobrasiledomundoentrevistaseditoria
letrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãocefetminasge
aiseditoreseditorasdobrasiledomundoentrevistaseditoria
isletrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãocefetminasge
raise
aisle
erais
iaisle
geraiseditoreseditorasdobrasiledomundoentrevistasedit
riaisletrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãocefetmin
sgeraiseditoreseditorasdobrasiledomundoentrevistased
toriaisletrasediçãocefetminasgeraisletrasediçãoletrase

MARCOS NASCIMENTO

Gabriela Barbosa
de Amorim
Luiza Fernanda Diniz
Figueiredo
(orgs.)



palavra editada



Copyright © by CEFET-MG
Todos os direitos reservados.

Coordenação

Tiago Mendes de Oliveira
Luiz Henrique Oliveira

Entrevistado

Marcos Nascimento

Entrevista e transcrição

Gabriela Barbosa de Amorim
Luiza Fernanda Diniz Figueiredo

Revisão

Luiz Henrique Silva de Oliveira
Tiago Mendes de Oliveira

Diagramação

Antônio U M de Andrade

Fotografia da capa

Acervo pessoal (imagem cedida pelo entrevistado)

A527m Amorim, Gabriela Barbosa de.

Marcos Nascimento / Gabriela Barbosa de Amorim,
Luiza Fernanda Diniz Figueiredo; organização Tiago
Mendes de Oliveira, Luiz Henrique de Oliveira. – Belo
Horizonte: LED, 2023.

21 p. (Coleção Palavra Editada).

ISBN: 978-65-87948-39-3

1. Edição. 2. Editora. 3. Editor. I. Amorin, Gabriela. II.
Figueiredo, Luiza. III. Título.

CDD: 070.5

Gabriela Barbosa de Amorim
Luiza Fernanda Diniz Figueiredo
(orgs.)

MARCOS NASCIMENTO



palavra editada

APRESENTAÇÃO

Editoras Independentes e a Formação para a Leitura

“Os livros, ao longo de sua história, são revestidos de uma aura mágica, um objeto poderoso, magnífico, ameaçador, que produz uma ambivalência que marca a relação dele com os espaços por onde circula. Guardião e arauto ao mesmo tempo.

Em uma dada perspectiva, para uma casa editorial independente a produção de um livro é também uma aposta ideológica, estética e cultural, não apenas comercial. Nesse caso, o livro assumiria um valor simbólico, mais do que comercial. Nessa perspectiva, o livro não seria uma simples mercadoria e não se renderia à lógica de rentabilidade a curto prazo.”

Marcos Nascimento (2012)

Dando seguimento ao Projeto Palavra Editada, conversamos com Marcos Roberto do Nascimento, editor, escritor e professor, formado em Ciências Sociais, com doutorado em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Nascimento escreveu diversos livros infantis e juvenis, além de ter criado a Editora MRN. Sua tese de doutorado aborda a independência ou não das pequenas editoras e se constitui um importante documento sobre o tema.

A entrevista foi realizada pessoalmente na sede da Editora MRN, no dia 03 de maio de 2022, gravada e transcrita por Gabriela Barbosa de Amorim e Luiza Fernanda Diniz Figueiredo e diagramada por Antônio Ursine Magalhães de Andrade, pessoas membras do Projeto. O entrevistado nos apresentou importantes informações sobre o meio editorial, especialmente das pequenas editoras. Ademais, refletiu sobre sua formação como professor, escritor e editor e sobre a relação entre as três atividades.

O material, ora apresentado à pessoa leitora, traz interesse para diversas áreas, uma vez que nos ajuda a compreender parte dos desafios inerentes aos bastidores da produção do livro no país. Também reflete sobre a importância da leitura e da escrita na formação pessoal do entrevistado, bem como de toda a humanidade.

A Coleção Palavra Editada decorre do projeto homônimo, coordenado pelo Prof. Dr. Luiz Henrique Oliveira e pelo Doutorando Tiago Mendes de Oliveira, com participação de estudantes da Graduação em Letras - Tecnologias da Edição e do Mestrado e do Doutorado em Estudos de Linguagens. O objetivo principal da ação é entrevistar profissionais dos campos editorial e livreiro e publicar este material no formato de livros e/ou livretos pela LED – Editora Laboratório do Curso de Letras (Tecnologias da Edição).

Assim, colabora na formação profissional das pessoas participantes e gera um acervo de conteúdo sobre a produção editorial brasileira, e mesmo internacional, e sobre assuntos correlatos. O Projeto de extensão é vinculado ao Departamento de Linguagem e Tecnologias do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – DELTEC/CEFET-MG e busca cumprir seu papel de serviço público disponibilizando o conteúdo de forma gratuita e com acesso livre e irrestrito, seguindo os princípios de conhecimento científico de acesso aberto (open access scientific knowledge). Ademais, busca-se pautar pela diversidade geográfica e bibliográfica das pessoas entrevistadas.

Reiteramos nossos agradecimentos ao Marcos Nascimento, pela gentileza e deferência, e a todas as pessoas envolvidas na realização do Projeto Palavra Editada. Por fim, convidamos todas as pessoas para ler e refletir com mais essa importante contribuição do nosso entrevistado.

Me. Tiago Mendes de Oliveira

Doutorando em Estudos de Linguagens – POSLING/CEFET-MG
<http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>

Dr. Luiz Henrique Oliveira

Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens –
POSLING/CEFET-MG
<http://lattes.cnpq.br/2031878470909116>

ENTREVISTA

Entrevistadoras: Marcos, primeiramente gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade, por aceitar participar do projeto Palavra Editada. E, para tanto, gostaríamos de saber como começou a sua relação com a palavra?

Marcos Nascimento: A minha relação com a palavra, ela começa desde quando a gente começa a falar efetivamente e começa a pensar desde os sons e tal. Mas quando você pergunta assim, eu penso em como eu comecei a me relacionar com a minha produção a partir da palavra. E isso começa na escola fundamental. Houve um concurso literário nessa época. Então eu participei do concurso e fiz um texto que se chamava Aventuras de Pedrinho. Esse texto acabou sendo premiado na escola e representando a escola em um festival que ocorreu na década de 1970 em Belo Horizonte. E a partir dali começou de fato a minha relação com a palavra, como uma brincadeira de escrever para se tornar um livro. Dentro da biblioteca da escola, tinha uma coleguinha, Ana Paula, ela era a ilustradora. Então tinha toda aquela brincadeira de todo o processo de construção do livro. Então aquilo ali já começou a despertar interesse em mim, pensando na palavra como um elemento criativo e ao mesmo tempo criador. Porque, afinal de contas, me permitia ser outro, não é? Quando eu estava imerso lá escrevendo, isso me permitia ser outro, até porque, na época, a minha professora, Tânia, pediu para eu trocar o título do livro: em vez de ser Aventuras de Pedrinho, que fosse Aventuras de Marquinho, porque Pedrinho era o personagem do Monteiro Lobato em As Aventuras de Pedrinho. E eu gostava muito de Monteiro Lobato, eu lia muito Monteiro Lobato. Evidentemente aquilo me influenciou. Por isso eu falo do uso da palavra de maneira criativa e criadora, porque você se vê outro nesse processo. Então, foi a partir dali que eu comecei a pensar nessa relação com a palavra. Enfim, depois disso, tudo mudou um pouquinho porque eu acabei sofrendo um acidente e fiquei um ano sem poder andar e aí eu pude ler mais do que escrever. Eu continuei com

esse original até 2010, quando eu o publiquei, revisto, com o nome de As aventuras de Quito.

Entrevistadoras: Alguma história que você escreveu na sua infância foi publicada?

Marcos Nascimento: Não, não.

Na adolescência, eu tive uma produção um pouco mais intensa. Tive, por exemplo, a oportunidade de produzir uma peça de teatro. Essa peça foi encenada na igreja, era uma Paixão de Cristo diferente, era uma Paixão de Cristo adaptada para os tempos modernos com Cristo como um operário.

Houve repercussão legal, mas esse texto nunca foi publicado, é um texto que eu tenho até hoje. Aconteceu ali uma relação nova com a palavra mais criativa, digamos assim. É uma coisa que posso chamar de autoral. Então, tive essa produção na adolescência. Depois disso vieram os trabalhos acadêmicos.

Entrevistadoras: Como que você decidiu trabalhar nos bastidores do livro? Você é autor e também editor. O que te levou a essa decisão?

Marcos Nascimento: Eu até então havia publicado o livro na Nandyala , As aventuras de Quito.

Enviei os originais para as editoras e não tive retorno positivo. Então pensei: “bom, então vou me autopublicar”. Com essa ideia de autopublicação, procurei a ilustradora Iara Abreu, que é artista plástica e que ilustra os dois primeiros livros da editora [MRN]. Começamos a trabalhar com o livro e com o texto, mas não estava muito à vontade, sabe? De não ter um olhar crítico sobre meu texto. Dizer: “Ah, falta algo neste texto”, apesar de ser muito crítico. Logo depois, entrei em contato com duas pessoas que convidei para serem as editoras independentes desse trabalho. Pagaria para ser. Uma recusou fazer o trabalho, mas indicou outra pessoa e, então, tivemos muita dificuldade em agendar uma reunião. Em dado momento eu estava no ateliê da Iara Abreu

discutindo sobre o trabalho, aí ela disse: “Marcos, vem cá, vou te mostrar um trabalho que estou fazendo aqui de ilustração.” Eu estava olhando o trabalho, dei uns “pitacos” e ela me disse: “Uai, Marcos, você tem até um estilo de editor, hein?” Ela me plantou essa pulguinha atrás da orelha. Eu pensei: como é ser editor do meu próprio texto? Logo, comecei a pesquisar sobre o trabalho do editor. Tem inclusive um certo dogma em todo o editor. São pessoas que são intelectuais, que falam mais de uma língua, que dominam inclusive o português. Eu me sentia um pouco fora desse perfil de editor. E me senti até um pouco constrangido em querer ser editor, mas tinha um feeling para tanto. Comecei a estudar e me concentrei primeiramente em como é trabalhar com a preparação de um texto.

Comecei a estudar e pensei: “Ah, então, tenho que primeiro fazer um exercício de distanciamento do meu texto, né? Me distanciar do meu texto para fazer a crítica a ele”. Foi muito legal porque essa primeira editora disse o seguinte, quando leu o meu texto: “Funciona? Ninguém escreve assim mais...”. “Mas será que estou tão anacrônico assim?”, pensei. Isso me estimulou a estudar mais, a aprimorar um pouco mais a escrita. A entender a necessidade do distanciamento. Quando eu termino um texto, eu o deixo de lado por pelo menos dois, três meses, descansando e decantando. Com olhar mais crítico e distante, volto ao texto. O distanciamento me fez vir para esse lado dos bastidores. E por não encontrar um espaço nas editoras convencionais, por não conhecer ainda o universo das editoras independentes e por ter uma necessidade muito grande de publicar, de tornar público os meus textos, me tornei editor de mim mesmo. É isso que me fez então pensar nesse trabalho, como fonte de vida, e eu acabei gostando. Hoje eu gosto até mais de fazer livros, como editor, do que de escrever livros.

Entrevistadoras: Como surgiu a ideia, como que foi criar uma editora?

Marcos Nascimento: A ideia foi a seguinte: eu queria criar uma editora, o que é uma editora? Você precisa ter um CNPJ e uma estrutura mínima. Há alguns anos, fui convidado para participar de um evento, um festival de cultura no CEFET em Contagem. Para ser oficinairo, precisei ter um CNPJ

para emitir a nota fiscal de serviço, então acabei criando esse CNPJ para prestar esse serviço ao CEFET de Contagem. Quando me deparei com a necessidade e o desejo de publicar meu primeiro livro por uma editora, pensei: “Bom, eu tenho um CNPJ, posso transformar esse CNPJ em uma editora.” Para o resto, você precisa de texto, precisa do editor, que no caso era o autor, e contei com uma colaboração muito generosa e afetiva da Iara Abreu, além de ter uma ilustradora que trabalhou em conjunto comigo para fazer um livro. Ela já tinha experiência editorial em outros trabalhos que havia feito, e a partir daí comecei a desenvolver essa ideia. O nome MRN Editora são as iniciais do meu nome. Eu queria criar uma editora que pudesse registrar, de certa forma, a história. Porque aqui não é exatamente o meu nome, mas é o nome de uma ancestralidade, de pessoas humildes que vão construindo um contexto. Quem me inspirou nesse negócio foi o Jorge, porque ele dá o nome dele para a editora. Existem outros que nomeiam suas editoras, mas o Jorge, quando eu estava na graduação, publicava muitos livros pela Editora Jorge Zahar, especialmente na área de ciências sociais e humanas. Então, na minha biblioteca da graduação, cerca de setenta por cento dos livros são da Jorge Zahar. Ele me inspirou, ele nomeava e eu gostava dos livros. Então, pensei: “Não, eu quero tornar o meu nome algo relevante, porque carrego essa ancestralidade da minha família. Quando vim para cá, minha mãe falava para todo mundo: “Olha, nosso Marcos agora tem um escritório na Rua da Bahia”, e o que a Rua da Bahia representava para ela. Nós que somos da periferia, é o centro, um lugar nobre e tudo. Então, ela tem muito orgulho de ter a MRN, que são as iniciais do nome do filho dela, na Rua da Bahia.

Entrevistadoras: Como é definido o catálogo da editora? Que critérios o definem?

Marcos Nascimento: Temos uma preocupação com a qualidade dos textos, das ilustrações e com o acabamento dos livros. Nossos primeiros livros são encadernados, têm um acabamento cuidadoso, são costurados, possuem capa dura. O único título nosso que é grampeado faz parte do catálogo da fase anterior. Um dos primeiros critérios é ter um acabamento de qualidade nos livros, para que possam até mesmo concorrer a prêmios.

É uma das nossas prioridades. Outro critério é a qualidade estética do texto, porque o texto precisa trazer conteúdos provocativos e inovadores. Queremos também valorizar a diversidade, a pluralidade da cultura brasileira. A maioria dos nossos livros possui referências explícitas à cultura popular brasileira e ao folclore brasileiro. Enfatizamos muito a relação entre o aspecto estético e a identidade nacional. Mesmo que tragamos outros livros, por exemplo, o livro Horizonte, que conheci na Itália, em Bolonha . Quando abri esse livro, vi a Serra do Curral. Sempre há um pouco dessa identidade nacional como referência. Esses são os principais critérios que temos utilizado e acredito que seja importante para nós. Inclusive, nessa nova fase, continuamos com essa perspectiva. Estamos trazendo pessoas de diferentes gerações, homens, mulheres, pessoas negras, brancas, LGBTQIA+, enfim. É importante para nós ter essa representatividade em nosso catálogo e estamos conseguindo fazer isso, sempre levando em consideração a qualidade editorial, a qualidade gráfica e a qualidade dos textos.

Entrevistadoras: Como os autores podem submeter originais à editora?

Marcos Nascimento: A gente tem no nosso site um espaço de contato onde recebemos os pedidos de publicação. Felizmente estamos sempre recebendo contatos. Nessa nossa nova fase, a gente tem feito o movimento de buscar altura. Porque a gente tem como principal preocupação de formação do catálogo, de nossa identidade. Então, estamos buscando autores específicos, para dar a identidade ao catálogo. Convidamos o Maurício Manso, Amado Costa, Andreza Félix. São todos autores que já publicaram pela Mazza , editora que é uma grande parceira nossa. A gente tem feito convites pontuais e queremos continuar com essa pegada. Por outro lado, quando novos autores buscam a nossa editora, eles já conhecem um pouco a linha editorial. Isso facilita, por exemplo, o processo de seleção de originais, porque uma das coisas mais difíceis para uma editora é justamente realizar as seleções de originais. A gente recebe muitos textos hoje. Há também muita procura de amigos, mas evito receber originais de amigos. A não ser que venham em pseudônimos. Recentemente, contratei uma editora, a Vivian Steffanne,

que faz doutorado no CEFET, e ela tem sido responsável por grande parte de conteúdo novo da editora.

Entrevistadoras: Quais são os maiores obstáculos para se tornar um editor?

Marcos Nascimento: Um obstáculo natural é desenvolver a segurança para assumir o trabalho com conteúdo de outras pessoas e transformá-lo efetivamente em livro. Isso exige confiança, como disse para vocês, mas também exige formação mesmo. Embora não tenha feito um curso de edição antes, para fazer um livro, precisei me formar na prática. Não é apenas um ato de paixão e vontade, formação é fundamental. Como preparar um texto, como tornar um texto algo editável, tudo isso foi um pouco difícil para mim no início. Muitos acham que é fácil se autopublicar, não é bem assim. Eu tive muito medo quando comecei a editar. Mas eu sabia o que eu queria ser: eu queria ser escritor e editor.

Outro obstáculo importante tem a ver com a questão financeira. Fazer livro não é algo barato, especialmente quando pensamos em livros infantis e juvenis, que têm ilustração, ou seja, que têm um trabalho importante para a materialidade do livro. Como você vai investir, quanto vai investir? A gente não entende muito de precificação no início.

A questão financeira é uma dificuldade para os pequenos editores, especialmente quando editam literatura infantil e juvenil. Há todas as dificuldades do ponto de vista de produzir um livro de poesias ou um romance, por exemplo, mas o custo do livro tende a ser mais barato. Para viabilizar um projeto infantil ou juvenil, como *O Menino dos Pés Coloridos*, precisamos fazer uma tiragem mínima de mil livros. E vender mil livros não é fácil para uma editora pequena.

Podemos citar outros obstáculos que têm a ver com a entrada de uma pequena editora no mercado editorial, na distribuição e circulação do conteúdo do livro. Isso continua sendo uma dificuldade enorme, porque as livrarias não querem trabalhar com nossos livros, as distribuidoras não querem trabalhar com editoras pequenas, porque nosso catálogo tende a ser curto. No nosso caso, só tem literatura infantil e juvenil.

Entrevistadoras: Na sua opinião, qual é o papel de uma editora independente no mercado brasileiro?

Marcos Nascimento: O que ela traz de diversidade para a nossa literatura. As editoras independentes são aquelas que têm trazido mais inovação para o campo da literatura infantil na América Latina. A gente tem muito trabalho experimental. As editoras independentes têm esse papel de arejar o mercado, elas inovam o formato do livro, materiais do livro, trazem bibliodiversidade. Eu discuto isso na minha tese . As principais linhas de ação das editoras independentes são várias, porque a gente tem um mercado editorial muito plural, plural no sentido da quantidade de coisas que ele traz, ainda que a gente tenha muita repetição. Além disso, as feiras de livros independentes são muito importantes para nós. Os independentes buscam também inovar práticas de circulação do livro. É nesse sentido que as editoras independentes têm que contribuir.

Entrevistadoras: É possível equilibrar a relevância cultural e a sustentabilidade financeira de uma editora independente?

Marcos Nascimento: Esse é um desafio. Se você souber uma fórmula, aí você me conta, está bem? [risos]. Mas esse é o ponto, inclusive, que a gente está agora, exatamente agora, nesta nossa fase. Esse equilíbrio permitiu a gente a ousar um pouquinho, de vir para a nova sede, ocupar um novo espaço na cidade.

Vendemos uns livros para a Secretaria Municipal de Educação em São Paulo e isso permitiu entrar dinheiro na nossa editora. Com esse dinheiro, a gente começou a pensar nos novos projetos. Só que as editoras menores, como a nossa, acabam sendo muito dependentes dos editais públicos e das vendas para as escolas. A gente precisa ter um divulgador, o que é muito difícil. Muito difícil uma editora pequena ter um divulgador.

Os editais possuem uma certa sazonalidade. Se a gente entra num edital grande agora, a gente só vai vender muitos livros no ano que vem. Nós estamos participando do PNLD Literário. Então, para a gente poder colocar um livro no PNLD Literário , a gente gasta uma “grana”. Porque você tem que fazer manual, você tem que fazer a versão acessível, tem

um investimento alto e você ainda corre o risco de não ser aprovado. E, se for aprovado, é para receber em mais ou menos dois anos. Por exemplo, quando vocês chegaram aqui, eu fiquei superfeliz porque a gente vendeu para Prefeitura de BH, para o Kit Afro . Uma unidade para cada escola: foram duzentos e trinta e cinco exemplares. Esse dinheiro vai dar para pagar pelo menos as despesas do mês. Vejam como é difícil se equilibrar.

E, vocês poderiam perguntar: como é que a editora consegue vender no varejo? A gente tem que se desdobrar. Como editor, eu faço visitas às escolas e às bibliotecas. Existem escolas que aproveitam muito bem isso, outras que não aproveitam tanto assim. Mas há escolas e escolas. Trabalhei na região de Venda Nova com escolas maravilhosas que realizavam projetos encantadores. Temos que encontrar estratégias no varejo. Uma das formas que estamos adotando agora é produzir livros nessa nova etapa de forma mais simples do ponto de vista do acabamento, estamos fazendo uma série de livros grampeados sem perder a qualidade literária, das ilustrações, das imagens, mas estamos fazendo livros mais baratos para que eles possam entrar mais facilmente nas escolas, porque custam menos. É uma maneira de aumentar a nossa circulação. E essa estratégia de ocupar esse espaço é importante para nós, porque estamos fazendo mais publicidade e temos um espaço de lançamento próprio. Como temos um espaço de lançamento, não precisamos arcar com os altos custos que as livrarias pedem. Criamos uma estética também para os lançamentos, porque as pessoas querem ir às livrarias, já que elas são espaços de poder e também conferem status. Por isso, hoje temos uma galeria de arte conjugada com o espaço para lançamentos de livros.

Entrevistadoras: Como o seu percurso acadêmico em Ciências Sociais influencia seu trabalho como escritor e editor?

Marcos Nascimento: Como escritor, acho que minha influência veio mesmo do meu jeito meio perfeccionista de lidar com a escrita. Ao longo do tempo, fui aprendendo a arte de escrever, e eu sou meio que um nerd nesse sentido. Queria usar outra palavra, mas eu sempre me atrapalho quando tento falar do ponto de vista da psicanálise, com todos esses detalhes. Não sou muito bom com essas coisas, sabe? Eu sei que você não tem todos os detalhes, mas não sou neurótico, sou mais... obsessivo,

acho. Isso mesmo, transtorno obsessivo. Mas acho que não chego a tanto, porque, sinceramente, não consigo falar com tanta profundidade sobre essas coisas.

Enfim, tenho todos os meus trabalhos acadêmicos guardados, desde o meu primeiro trabalho no primeiro período até a minha monografia final, que foi recomendada para publicação. Foi um processo de aprendizado constante, com muita leitura e tentativas de aprimorar a escrita acadêmica. Sempre me preocupei bastante com a qualidade do texto, tentando ser o mais claro e objetivo possível, sem muitos enfeites. Essa abordagem me ajudou a desenvolver um olhar mais crítico sobre meu próprio trabalho, algo que valorizo muito.

Minha formação em ciências sociais teve um papel importante nisso, pois me ensinou a contextualizar meu trabalho e a abordá-lo com rigor. Como editor, levo isso a sério. Trato cada texto com respeito, assim como seus autores. Se você me pedir uma opinião sobre seu texto, pode contar com uma resposta honesta, seja para elogiar ou apontar problemas.

Hoje, um colega meu da PUC veio me mostrar o livro que publicou por sua própria conta em uma editora, uma daquelas que publicam teses. Eu fiquei meio sem saber o que dizer. O livro tinha uma capa legal e um acabamento decente, mas quando olhei o sumário, foi de doer. O sumário é a primeira impressão de um trabalho, e aquilo estava bagunçado, com problemas de formatação e uma fonte que não combinava. Tentei sugerir que ele pedisse para corrigir, já que era uma publicação sob demanda, mas ele estava preocupado com os custos. Fiquei meio dividido sobre isso.

Minha experiência com livros da editora Jorge Zahar, que sempre teve padrões elevados, também influenciou minha abordagem como editor. Eu sei que o mercado editorial e de livros envolve muitas profissões diferentes, mas para mim, o rigor sempre foi uma prioridade.

Entrevistadoras: As profissões do mercado editorial e livreiro – da escrita à leitura, passando por revisão, diagramação, edição, comércio no atacado e no varejo – costumam receber pessoas de diversas formações. Como formar um/a profissional dessas áreas?

Marcos Nascimento: Quando iniciei minha jornada como autor e editor, contei com uma vantagem considerável nesse aspecto. Essa oportunidade surgiu logo após minha matrícula no CEFET e o início das disciplinas isoladas, por volta de 2017. De fato, já havia fundado a editora em 2016. O contato com profissionais desse setor se deu principalmente dentro de um contexto acadêmico específico. Por exemplo, uma das revisoras que colaboram comigo até hoje, Renilda Figueiredo, conheci durante uma disciplina isolada no CEFET. Embora eu tenha colaborado com outros revisores, incluindo um doutor, seus serviços não atenderam às minhas expectativas. Portanto, optei por continuar trabalhando com Renilda e também com Márcia Romanos, que também é formada no CEFET. Ambas apresentaram trabalhos que enfatizaram a importância da revisão, o que me fez valorizar enormemente essa etapa do processo editorial. Atualmente, nenhum texto meu é publicado sem antes passar pelo crivo da revisão. Isso se refletiu inclusive quando enviei meu livro o Mandacaru Vermelho para avaliação no PNL D, onde a pessoa que estava colaborando comigo mencionou que meus textos já eram revisados, devido a problemas anteriores com textos não revisados. Portanto, mantenho um padrão de qualidade rigoroso em relação à revisão, abrangendo não apenas o conteúdo principal, mas também elementos como o texto da quarta capa, que também é submetido à revisão por Renilda. Isso ilustra a importância que atribuo à revisão. Além disso, valorizo muito a contribuição de profissionais como designers gráficos. Elen Carvalho, uma profissional experiente que conheci no CEFET, tem sido uma colaboradora valiosa, proporcionando um alto nível de expertise ao nosso trabalho editorial. Além disso, Mário Vinicius também está prestes a se juntar à nossa equipe. Sou muito criterioso nesse aspecto, selecionando cuidadosamente os profissionais com quem colaboro. Tenho a sorte de ter tido a oportunidade de conhecer pessoas excepcionais para desempenhar essas funções. Devo destacar que, até agora, minha experiência se limitou a trabalhar com designers e diagramadores que conheci no CEFET, não havendo ainda colaborado com profissionais externos à instituição. Além disso, conto com a colaboração de colegas do CEFET, como Vivian Gonçalves e Letícia Santana, que estão envolvidas em projetos editoriais. Essa rede de profissionais é incrivelmente valiosa e contribui significativamente para o sucesso de nossos projetos. Tenho muito apreço por todos os envolvidos nesse processo e, sempre que um

livro é premiado, faço questão de expressar minha gratidão a cada um deles. Acredito que esse trabalho é verdadeiramente resultado do esforço conjunto dessas múltiplas mãos, e valorizo imensamente a dedicação e expertise da equipe que compõe o processo editorial.

Entrevistadoras: Na sua tese, você estudou a produção editorial independente em Minas Gerais. Você pode falar um pouco sobre os resultados da sua pesquisa?

Marcos Nascimento: Com certeza, posso fazê-lo. Acredito que minha pesquisa aborda uma questão que sempre me inquietou profundamente. Desde o princípio, tive a orientação do professor Luiz, que atuou como o primeiro leitor do meu pré-projeto e colaborou em diversas etapas. Minha inquietação diz respeito ao conceito de editora independente, uma preocupação que surgiu a partir da minha prática como editor. Nas conversas com colegas do meio, frequentemente nos questionávamos sobre o que de fato significa ser independente. Afinal, como o mercado utiliza rótulos para atrair o público, essa noção de independência se torna relativa. Esse tema foi debatido até mesmo no seminário sobre a lei do preço fixo em São Paulo, em 2021, quando o palestrante mencionou a ideia de que a independência pode ser algo novo ou apenas um rótulo adotado pelo mercado. Acredito que existam editoras e editores independentes, mas a noção geral de independência nem sempre é reconhecida de forma eficaz pelo mercado. Esse dilema me intrigava, especialmente ao ler a biografia de Jorge Zahar, que se considerava independente, apesar de ter iniciado sua carreira imerso no mercado livre, vendendo e distribuindo livros, aspecto que pode ser a parte mais desafiadora do processo, superando até mesmo a criatividade. O mesmo se aplica a Schwartz, da Companhia das Letras, que se autodefine como editor independente, embora esteja vinculado à maior corporação editorial do mundo. Portanto, ao falarmos de independência, é fundamental clarificar o que exatamente queremos transmitir com essa afirmação. Essa era minha principal preocupação: definir o significado da independência. Assim, decidi abordar a independência do editor independente, alguém que adota, como a literatura sugere, valores e princípios éticos na produção do livro. A independência, nesse

contexto, é considerada um valor, e qualquer pessoa pode se identificar como editor independente ao incorporar esses valores que considera essenciais. Isso é significativo para o editor. Portanto, me considero um editor independente porque realizo projetos que me importam e navego pelos territórios que desejo explorar, entre outros aspectos. No entanto, outro ponto importante que abordei em minha tese é que as editoras independentes, à medida que estabelecem vínculos com o mercado, tendem a perder parte de sua independência. Por exemplo, minha editora opera a partir de minha residência, o que envolve uma prática e um conjunto de estratégias, mas também impõe limites, como um teto de vendas. No entanto, ao expandir para espaços externos e criar parcerias, estou construindo novos vínculos e, conseqüentemente, comprometendo parte de minha independência. Avalio meu grau de independência com base na quantidade de compromissos financeiros que devo assumir. Esse critério reflete a quantidade de vínculos que estou estabelecendo. Discuto também questões contratuais com a Amazon, distribuidoras e analiso o impacto dessas conexões em minha independência. Portanto, ao concluir minha tese, desenvolvi uma metodologia baseada na escala Liberty, abrangendo diversos tipos de vínculos. Elaborei um conjunto de critérios para cinco fatores que identifiquei na cadeia editorial tradicional, desde a aquisição até a distribuição do conteúdo. Cada um desses fatores representa um tipo de vínculo. Meus resultados apontam que as editoras independentes com zero a dois vínculos mantêm um grau menor de dependência, geralmente caracterizando-se como editoras bastante pequenas, frequentemente operadas por equipes reduzidas, ao contrário da estrutura mínima da minha empresa, que envolve apenas uma funcionária. Essas editoras têm, em sua maioria, mulheres como principais colaboradoras, além de uma predominância de editores com alto nível de formação educacional e uma maioria de editores brancos. Esses são os principais resultados de minha pesquisa.

Entrevistadoras: Como que é competir com esse o mercado do eixo Rio-São Paulo?

Marcos Nascimento: ECompreendo plenamente a complexidade dessa situação, que é realmente desafiadora. A questão da concentração é

algo inevitável, e é crucial reconhecê-la, não é mesmo? Concentra-se principalmente em São Paulo, onde a maioria dos eventos e atividades editoriais relevantes acontece. Isso inclui a localização das principais gráficas, que, ao solicitar orçamentos, muitas vezes precisam ser feitos em São Paulo devido ao grande número de editoras presentes lá, além das principais feiras do setor. Atualmente, São Paulo é um epicentro mais forte do mercado em comparação ao Rio de Janeiro, por exemplo, embora ambos tenham sua importância. No entanto, competir nesse cenário é extremamente desafiador, não porque a qualidade de nosso trabalho seja inferior, mas porque essa qualidade não é devidamente reconhecida devido à concentração em São Paulo, onde ocorrem a maioria das atividades editoriais relevantes. É o local onde tudo acontece, e para obter o reconhecimento necessário, muitas vezes é preciso estar presente lá. Expresso isso com clareza, mas também com uma certa frustração, pois essa realidade se impõe a nós. Em eventos como premiações, como a da PUC do Rio, por exemplo, é notável que muitos prêmios se concentram lá, pois as principais universidades, como a PUC, UFRJ e UNICAMP, estão localizadas em São Paulo. Tudo acontece nesse ambiente, incluindo as principais editoras, tornando o mercado mais aquecido. Isso pode ser frustrante, pois não tivemos a oportunidade de discutir essas questões, gostaria de ter enfatizado que o problema da concentração vai além do aspecto mercadológico. A concentração invisibiliza outros espaços e produções. Esse é o principal desafio, pois em premiações, por exemplo, uma editora de Belo Horizonte recebeu o maior número de prêmios, o que foi motivo de orgulho. Individualmente, ela se destacou como a mais premiada. No entanto, quando se avalia o conjunto, incluindo MRN, Aletria, Grupo Lê, entre outros, fica claro que a concentração geográfica limita a visibilidade do trabalho de outras regiões. Isso me incomoda profundamente, pois significa que nossa produção é desconsiderada, apesar de recebermos reconhecimento em teses e dissertações. Temos contribuído com inovação, como a Marília mencionou, e instituições como o CEFET e a UFMG têm produzido conteúdo significativo. Temos até um curso de edição e uma sólida infraestrutura bibliotecária com foco em questões editoriais. No entanto, a concentração não é apenas uma barreira financeira; ela cria uma barreira simbólica que frequentemente torna nosso trabalho invisível. Se eu estivesse em São Paulo, tenho

certeza de que já teria estabelecido conexões com distribuidoras, mesmo com um catálogo pequeno.

Entrevistadoras: Pensando em uma sociologia da leitura, como você vê o acesso do povo brasileiro à leitura e principalmente à literatura?

Marcos Nascimento: Entendo completamente a complexidade dessa situação, que é realmente desafiadora. O foco principal do meu trabalho atualmente são as escolas, onde nos empenhamos muito na formação de leitores para ampliar o acesso à literatura de qualidade, o que chamamos de “boa literatura”, e assim por diante. Nesse sentido, tenho uma observação interessante sobre as bibliotecas das escolas públicas, que, em muitos casos, são superiores às das escolas privadas. Exceto por algumas exceções, escolas privadas investem menos nessa área. De modo geral, as escolas públicas têm acesso a melhores recursos devido a compras governamentais, kits e assim por diante, o que resulta em acervos mais ricos. O problema atualmente reside mais na formação, e tenho abordado essa questão com frequência. Certamente, precisamos nos preocupar com a formação das crianças e garantir o acesso à leitura, principalmente na escola, pois essa é a fase em que crianças e jovens mais leem. No entanto, tenho uma preocupação ainda maior com a formação dos professores, uma vez que são eles que moldam os leitores. A formação dos professores nas escolas é algo que me preocupa profundamente. Nas escolas privadas, por exemplo, muitos professores tendem a evitar trabalhar com autores e livros mais recentes, preferindo os clássicos, muitas vezes devido à falta de disposição para se envolver com as novidades literárias. Isso também ocorre na escola pública, onde a formação dos professores é uma preocupação comum. O problema que tenho observado é que, ao proporem algo novo, como projetos ou abordagens inovadoras, muitas vezes esses professores não recebem o apoio necessário, algo que deveria ser mais comum. Além disso, quando se trata de leitura no Brasil, uma das questões em destaque é o alto custo dos livros. Concordo com essa preocupação, uma vez que a produção de livros hoje envolve custos significativos, e, no entanto, a valorização da leitura não acompanha devidamente essa realidade. Em comparação com outros produtos da indústria cultural, a leitura frequentemente fica em segundo

plano, especialmente quando competimos com a televisão e outras formas de entretenimento, como pacotes de streaming. Há uma tendência de expansão da conectividade, embora a natureza da leitura varie. Muitas pessoas leem em dispositivos como smartphones e tablets, mas é importante distinguir que tipo de leitura está ocorrendo. A leitura literária tradicional é menos comum nesses dispositivos, e embora eu mesmo produza livros digitais, reconheço que há limitações para a leitura literária nesse formato. Acredito que a produção e a importância dos livros têm perdido espaço, e isso é uma preocupação. É fundamental considerar como os professores têm abordado essa questão nas escolas, bem como a formação dos professores. Tenho um filho adolescente que tem uma modesta biblioteca em casa, mas ele prefere usar o celular e outros dispositivos, em grande parte devido à falta de incentivo para novas leituras, tanto nas escolas públicas quanto nas escolas privadas. A formação dos professores desempenha um papel crucial nesse cenário. Faltam projetos de leitura robustos nas escolas, e os professores enfrentam muitos obstáculos ao tentar implementar projetos literários interessantes. Certamente, existem escolas que possuem projetos literários envolventes, especialmente escolas privadas, mas isso não se aplica a todas elas. Não quero entrar em detalhes sobre a questão das bibliotecárias, mas é um ponto importante a ser considerado.

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET-MG)

Diretora-Geral

Carla Simone Chamon

Vice-Diretor

Conrado de Souza Rodrigues

Chefe de Gabinete

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica

Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação

Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Laíse Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão

Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional

Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação

Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil

Leandro Braga de Andrade

DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA

Chefe

Sérgio Roberto Gomide Filho

Chefe adjunta

Ana Elisa Ribeiro

BACHARELADO EM LETRAS - TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO

Coordenadora

Profa. Joelma Rezende Xavier

Coordenadora Adjunta

Profa. Mariana Jafet Cestari



Coordenadora

Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador

José de Souza Muniz Jr.

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

Coleção Palavra Editada

Coordenação Executiva

Tiago Mendes de Oliveira

Coordenação Geral

Luiz Henrique Oliveira

Livreto produzido nas tipografias
Cambria e Londrina Solid na
primavera de 2022.